



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, durante
reunião de instalação da Secretaria da Cúpula América do Sul-África**

Caracas-Venezuela, 06 de agosto de 2010

Bem, primeiro, cumprimentar o nosso querido companheiro Hugo Chávez, presidente da República da Venezuela,

Cumprimentar o companheiro Néstor Kirchner, secretário-geral da Unasul,

Cumprimentar o nosso companheiro anfitrião, companheiro Nicolás Maduro, ministro das Relações [Exteriores] da Venezuela,

Cumprimentar o Ministro das Relações Exteriores da Nigéria, por meio de quem cumprimento todos os demais representantes de países da África e da América do Sul aqui presentes,

Cumprimentar o meu companheiro Celso Amorim, ministro das Relações Exteriores,

Delegados convidados,

Eu tenho um discurso muito pequeno, mas eu queria dizer algumas palavras na política, e eminentemente política. A África, a América do Sul e a América Latina como um todo foram países que durante séculos não tiveram o direito de elaborar suas próprias políticas, definir suas próprias decisões, porque fomos colônia durante muito tempo na América do Sul e na América Latina, e a África foi colônia durante muito tempo.

Eu tenho visitado, companheiros, 29 países africanos no meu mandato. É mais do que o somatório de todos os presidentes da história do Brasil. Tenho percebido que a colonização, ela pode ter sido feita de forma diferenciada, dependente [dependendo] de qual país era o colonizador, mas a verdade é que nós, na América Latina, até o século XVIII, e a África, até o século XX, muitos



países, dependíamos do que os nossos senhores falavam ou deixavam a gente fazer. Somente a partir do século XX é que nós começamos a discutir, entre nós, as nossas igualdades, as nossas possibilidades, e pensar na construção de um futuro comum entre aqueles que não tiveram chance, nem no século XIX, nem no século XVIII e nem no século XVII. Passamos a conhecer a nossa independência, no caso da América do Sul, duzentos anos atrás. O Brasil ainda fará 200 anos de independência em 2022. Ainda faltam 12 anos para que a gente complete 200 anos de independência. A Argentina tem 12 anos na nossa frente.

Pois bem, eu sei que são difíceis essas reuniões. Sair da Nigéria para chegar a Caracas é muito difícil; sair do Brasil para chegar à Tanzânia é muito difícil; sair da Argentina para chegar à Nigéria também é muito difícil. Na verdade, não é que é difícil. É que nós fomos habituados a achar mais perto ir para os países que nos colonizaram ou ir para os países economicamente ricos. Todos nós nos habituamos a ir para a Europa e para os Estados Unidos, todos nós. Nós não olhávamos uns para os outros. Nós, muitas vezes, nos víamos como inimigos. De Cabo Verde ao estado do Ceará, no Brasil, são apenas três horas e meia de avião. Do Senegal também, menos de quatro horas de avião. Entretanto, durante décadas, nós passávamos por cima do Senegal, íamos a Frankfurt, íamos a Londres, íamos a Paris, a Roma, e não parávamos em Cabo Verde, e muito menos no Senegal ou em qualquer outro país africano. Assim valia para o Brasil, valia para a América do Sul e valia também para os países africanos com relação à América do Sul. Nós... os nossos colonizadores nos obrigaram, do ponto de vista cultural, a entender que a saída para os nossos países estava na boa vizinhança e na boa política que nós mantivéssemos com os colonizadores.

Agora o que nós estamos descobrindo? Nós estamos descobrindo que África e América do Sul, ou África e América Latina, não utilizaram 5% do potencial de relações políticas, econômicas e culturais. Vejam que coisa



absurda! Há muito tempo os americanos abandonaram a África, pelo menos do ponto de vista dos interesses econômicos imediatos. Agora a China descobriu a África, e todos nós sabemos que os nossos companheiros chineses precisam de muita matéria-prima, precisam de muito alimento, precisam de muito minério de ferro, e todos nós sabemos onde é que tem essa riqueza mineral. Nós sabemos o potencial da Argentina, sabemos o potencial da Bolívia, sabemos o potencial da Venezuela, do Brasil, da Nigéria. Todos nós temos alguma coisa importante a oferecer para o outro país.

Entretanto, nós temos que resolver alguns problemas. Nós precisamos acreditar que as nossas reuniões não são inúteis. Muitas vezes nós gostamos de participar de reunião, achando que vamos sair da reunião com algum benefício imediato, e não é possível. Nós temos que construir essa possibilidade de que o benefício imediato seja um benefício duradouro, seja uma relação política, cultural, comercial forte, porque quanto mais o mundo precisar de comida, mais nós sabemos que está exatamente na nossa América e na nossa África a possibilidade de produzir o alimento necessário, que o mundo precisa, da troca de tecnologias entre nós. Nós temos mais similaridades, nós temos mais possibilidades, nós somos mais iguais e, portanto, nós poderemos fazer muito mais se nós acreditarmos que essa relação pode ser uma coisa muito forte.

Companheiro Kirchner, companheiro Chávez, sabem que não foi fácil a gente construir a Unasul e chegar aonde nós chegamos. Em 200 anos de independência, foi a primeira vez que nós conseguimos fazer uma reunião entre todos os países da América Latina e do Caribe. Nunca tínhamos nos reunido, nunca. Então, se nós não nos conhecemos, nós não podemos fazer negócios, nós não podemos nos ajudar, nós não podemos construir a nossa política, numa teoria muito simplista, para terminar o meu discurso.

Eu digo todos os dias que um belo dia, um belo dia a maioria de índios da Bolívia descobriu que era possível eleger um índio presidente da República,



e elegeu um índio presidente da República. Um belo dia, os negros da África do Sul descobriram que 26 milhões de negros eram superiores aos 6 milhões de brancos, e começaram a eleger presidente da República. Nós, América Latina, Caribe e África somos, praticamente, quase metade dos países que compõem as Nações Unidas, mas nós, muitas vezes, nem conversamos quando estamos lá, e muitas vezes até trabalhamos uns contra os outros quando estamos lá. Nós diluímos, dispersamos a nossa força, a nossa possibilidade por falta de relação política, por falta de entrosamento.

Então eu quero, Chávez, te dar os parabéns. É a segunda reunião, eu participei da primeira na Nigéria, participei da segunda em Isla Margarita, e estou agora participando da mesa presidencial estratégica e da Secretaria Permanente da ASA. Eu estou vendo que faltam muitos companheiros aqui, possivelmente por outros afazeres. Eu lembro quando tu estavas recém na Presidência e que nós fizemos aqui o G-15. Está lembrado de uma reunião que fizemos aqui? A dificuldade de trazer os companheiros? Eu, agora, fui... Nós, agora, fomos ao Irã e fizemos uma reunião com o G-15. Eu vim na tua, mas você não foi...

Pois bem, nós fizemos a mesma discussão que estamos fazendo aqui agora. Pela minha experiência de oito anos de governo, por tudo que eu posso conhecer hoje das viagens que fiz, o potencial entre nós é infinitamente superior à capacidade de imaginação que qualquer um de nós tenha do nosso potencial. Acontece que nós precisamos parar de acreditar que a solução dos problemas da pobreza da África ou que a solução dos problemas da pobreza da América Latina ou da América do Sul vai ser resolvida porque alguém rico vai lembrar da gente e vai querer vir aqui ajudar-nos. Não vai acontecer nunca. Cada povo constrói a sua riqueza a partir da sua capacidade de formação de quadros, a partir da crença e da autoestima que o povo tem no seu país e a partir da crença e da autoestima que ele tem nessa junção de iguais para tomar decisões.



Eu, Chávez, estou deixando a Presidência do meu país no dia 1º de janeiro de 2011, mas eu tenho a convicção de que o Brasil, a partir de 2011, estará com a mesma disposição, participando de tantas quantas reuniões forem necessárias para que a gente consiga fazer com que essa unidade – que durante muito tempo foi apenas uma peça retórica de discurso em campanha eleitoral – seja, de verdade, atitudes práticas de governantes que acreditam que o Norte já tem demais e que a relação Sul-Sul é o que pode garantir que a gente possa se desenvolver, e um dia ver os povos dos nossos países terem as mesmas condições de vida dos países ricos.

Portanto, muito obrigado, companheiro Chávez, por estar realizando esta reunião, e mesmo não estando na Presidência do Brasil, quando precisar de um companheiro para uma reunião entre África e América do Sul, estarei disponível para contribuir.

Um abraço.

(\$211B)